Spártacus

Ano 1—Numero 10 | Endereço: Caixa postal 1936, Rio de Janeiro — Brazil | 4 de Outubro de 1919

AINDA A FARÇA

Continúa o zunzum da embaixada a Washington. E' realmente lastimavel que haja, nêsse assunto, alvoroço ou mesmo interesse. O belo seria ver todo o proletariado carioca, *una voce*, declarar, sem bulha nem matinada, sem a minima discussão, que não se achava mais disposto a brincadeiras e, muito menos, a ser engazopado como tem sido até agora.

Porque, já o demonstrei, a ida a Washington è, nem mais nem menos, uma cilada vergonhosa. E o doloroso é ver a extrema ingenuidade de uma fração das classes trabalhadoras que vão atrás das iscas do capitalismo e se movem, açodadamente e desorientadamente, a secundar o apêlo do govêrno.

Bastar-lhe-ia ver a desproporção enorme entre as duas representações, a dos capitalistas e a dos trabalhadores, para compreender a insidia do ajuntamento americano. Os capitalistas serão lá tres quatros e os trabalhadores um quarto apenas. Suponhamos que figurem lá quatrocentos congressistas; *trezentos* serão enviados da burguesia e *cem* dos trabalhadores. E que cem trabalhadores serão êsses?

Serão os militantes, os porta-vozes das classes adiantadas, os verdadeiros propugnadores dos interesses proletarios?

De modo algum. Basta vermos que o Congresso de Amsterdão decidiu formalmente a não adesão dos obreiros ao congresso de Washington. Basta vermos que a nossa Federação dos Trabalhadores se manifest[a] contrária a tal colaboraçã[o, lo]go, quais os pretensos delegados dos trabalhadores? E' penoso dizer, mas é a realidade: são os proletarios, os escravos, os serviçais submissos ao capitalismo, os que não se pejam de apoiar os argentarios contra as seus camaradas de oficina nesta luta pela redenção comum.

Dizem que o cão lambe com mais amor a mão que o chicoteia.

Entretanto, o que se precisa esclarecer é o modo original de se *eleger* o tal representante e mais a sua comitiva técnica. O govêrno que, de operariado e sua organisação, anda á matroca, pede ás associações que indiquem nomes e, dentre os nomes indicados, êle govêrno nomeará um. Naturalmente aquele que melhór podér servir aos interesses dêle govêrno, islo é, dêles capitalistas.

Penso que a Federação dos Trabalhadores desta capital deve, quanto antes, preparar uma declaração, a ser enviada a Washington, da não coparticipação dos trabalhadores do Brazil a tal congresso e um protesto claro contra o modo de *eleição* posto agora em prática.

Aguardemos a escolha do govêrno. Ha de cair, não temos dúvida, *no mais digno*; no que mais *dignamente* se prestar a defender em Washington a organização do trabalho a contento dos exploradores do trabalho.

Esse enviado levará suas instruções, instruções do govêrno está bem visto. Não poderá expôr a situação miseravel dos rurais no Brazil; não poderá falar nas violências da policia, na pressão dos aliados contra os anarquistas. Ha de votar o que estiver *dentro da lei*, dos bons costumes, da religião, do patriotismo. Ha de repelir qualquer idéa subversiva de socialização, comunismo, apoio às classes avançadas, à ação direta, etc., etc.

A tudo se ha de agachar o o eleito do govêrno, pela vaidadezinha fútil de ir a Washington.

E o mais cómico, mais vergonhoso, digamos, é ver classes inteiras apresentarem, como delegado dos trabalhadores, sujeitos burguesissimos, conhecidissimos como aventureiros e exploradores da maior marca.

Sua alma, sua palma!

José Oiticica.

"Spártacus"

Hoje, principalmente, com a carestia geral de todas as coisas, nenhum jornal póde viver só da venda avulsa e das assinaturas. Ora, *Spártacus*, como todos os jornaes anarquistas, não tem renda de anuncios, não faz cavações, nem qualquer publicidade equivoca—fontes principaes de vida dos jornaes burguezes. Por isso, além da receita, sempre insuficiente, das assinaturas e da venda avulsa, *Spártacus* ha de contar forçosamente com o auxilio dos amigos e camaradas interessados na sua obra de propaganda. Que lhe não falte pois esse auxilio!

Os capitalistas sempre chamaram de «liberdade» — a liberdade, para os ricos, de realizar os seus lucros, e a liberdade, para os trabalhadores, de morrer de fome.—LENINE.

Proveitosa jornada de propaganda

Por iniciativa da secção do Encantado, do P. C. B., efectuou-se domingo ultimo, naquele suburbio, uma optima conferencia sobre *A questão social*, de que se encarregou o camarada Alvaro Palmeira.

A sala da conferencia ficou apinhada. Um numeroso grupo de camaradas residentes no centro da cidade havia seguido em trem da Central, cantando os nossos hinos durante toda a viagem, distribuindo jornaes e boletins pelas estações.

Para não relaxar os seus velhos processos e as suas antiquadas bravatas, a policia lá compareceu, na pessoa de algumas dezenas de beleguins, de soldados e de cavalos, formando com grande aparato em frente á sala da conferencia, pretendendo, ao que parece, amedrontar os ouvintes. Mas enganou-se redondamente, porque ninguem arredou pé e a conferencia se fez com pleno exito, sob aplausos geraes.

Uma nota comica. Uma velha preta, moradora no Encantado ha 30 anos e que nunca sahiu do Encantado, assistiu admirada á palestra de Palmeira, afirmando que jámais vira tanta gente junta...

— Posso agora morrer, dizia ela. Nunca vi tanto povo assim... E o que digo é que assim como acabou o cativeiro, tambem ha de acabar a miseria de hoje em dia...

Outra nota comica. Ao saltarmos na Central, de regresso, os que tinhamos ido da cidade, tivemos ocasião de presenciar o seguinte facto. Um individuo qualquer brigou com outro. Atracaram-se furiosamente. Apareceu a policia e prendeu o indigitado provocante, meio tocado na agua. E o homenzinho esperneava nas unhas dos guardas civis, desbocando-se numa serie de palavrões dos mais asperos...

Foi quando, de um grupo de marinheiros nacionaes, que por acaso ali passavam, sahiu este grito:

— Oh! homem! mais cuidado com essa lingua! Olhe que isto isto aqui não é Camara dos Deputados!

GRANDE ÉPOCA

Os czares e os popes—antigos senhores do Kremlim de Moscou — jamais imaginaram que se reuniriam um dia, dentro dos seus velhos muros, os representantes da fracção mais revolucionaria da humanidade contemporanea. No entanto isto é hoje uma realidade. Numa das salas da casa da justiça, onde inda fluctuam as sombras taciturnas das leis penaes do regimen czarista, eis que tomam assento os delegados da Terceira Internacional.

Mas esta instalação material do congresso comunista apenas exprime e faz resaltar de um modo todo exterior as imensas transformações por que tem passado o mundo no decorrer destes ultimos vinte anos.

Nos tempos não sómente da primeira, como tambem da segunda Internacional, a Russia czarista constituia o ultimo baluarte da reação mundial. Nos congressos socialistas internacionaes, a revolução russa era representada por emigrados, aos quaes a maioria dos chefes oportunistas do socialismo europeu apenas tratava com uma ironica condescencia. Os funcionarios do parlamentarismo e do tradeunionismo, plenos de altaneira segurança, consideravam que as calamidades da revolução só eram possiveis na Russia semi-asiatica, emquanto que na Europa o desenvolvimento progressivo, indoloroso e pacifico do capitalismo para o socialismo era uma coisa certa.

Mas em agosto de 1914, as contradições capitalistas reduziram a pedaços a casca pacifica do capitalismo, do seu parlamentarismo, das suas "liberdades", da sua prostituição legalizada, politica e outra. A humanidade foi arremessada das alturas da civilização a um abismo de espantosa barbaria e de sanguinaria selvageria.

Embora a teoria do marxismo houvesse anunciado e previsto esta sangrenta catastrofe, os partidos socialistas reformistas foram apanhados desprevinidos. As perspectivas da evolução pacifica se desvaneceram em cinzas e fumo. Os chefes oportunistas não encontraram melhor tarefa que a de convocar as massas operarias á defeza do Estado nacional burguez.

Em 4 de agosto de 1914, a segunda Internacional morria ingloriamente.

Desde esse momento, todos os verdadeiros revolucionarios, herdeiros do espirito marxista, entregaram-se ao trabalho de crear uma nova Internacional—de irreductivel batalha contra a sociedade capitalista. A guerra, desencadeada pelo imperialismo, rompera o equilibrio do mundo capitalista. Todas as questões tomaram a feição de problemas revolucionarios. Os velhos acomodaticios do social patriotismo jogaram com toda a sua arte para guardar com vida as antigas esperanças, as antigas mentiras e as antigas organizações. Inutilmente. A guerra, pela primeira vez na historia, se transmudava em mãe da revolução. A guerra imperialista se transmudava em mãe da revolução proletariana.

Esta honra cabe á classe operaria russa e ao seu partido comunista, traquejado por mil batalhas. Com a sua revolução de outubro, o proletariado russo não sómente abriu as portas do Kremlim aos representantes do proletariado internacional, como assentou a pedra angular do edificio da terceira Internacional.

A revolução na Alemanha, na Austria, na Hungria, a propagação do movimento dos Soviets e da guerra civil, assinalada pela morte de martires, de Karl Liebknecht, de Rosa Luxemburg, e de milhares de heroes desconhecidos, provam que a Europa não tem outro caminho a seguir que não seja o caminho aberto pela Russia.

A unidade dos metodos de luta pelo socialismo, manifestada pelo facto, tornou teoricamente certa a creação da Internacional comunista, e tornou necessaria ao mesmo tempo a reunião sem mais demora do congresso comunista.

Este congresso se realiza actualmente dentro dos velhos muros do Kremlim. E nós somos as testemunhas, os actores de um dos maiores acontecimentos da historia mundial.

A classe operaria do mundo inteiro conquistou aos inimigos a mais inexpugnavel das fortalezas: a antiga Russia dos czares. E encontrando um apoio, ela arregimenta as suas forças para a luta final.

Que imensa felicidade viver e lutar em tal época!

Leon Trotski

(Moscou, março de 1919.)

Um artigo de Sébastien Faure para "Spártacus"

O nosso camarada Sébastien Faure enviou-nos, especialmente para **Spártacus**, *um artigo sobre o bolchevismo. Não precisamos encarecel-o. O seu autor é universalmente estimado como um dos mais profundos e mais claros escritores libertarios, grande orador, emerito jornalista, velho militante de tempera indomavel e prodigiosa actividade. Estamos certos que os seus numerosissimos leitores do Brazil muito apreciarão a oportunidade, que lhe oferecemos, desta comunicação directa e actual do seu pensamento sobre o grande drama revolucionario russo. E como desejamos que esse artigo de Faure tenha a mais ampla divulgação, enviamos copia do mesmo para* **A Plebe**, *de S. Paulo, que o publicará tambem no mesmo dia em que circular o proximo numero de* **Spártacus**.

A QUESTÃO DE FIUME

Está na ordem do dia a questão de Fiume. Todas as atenções estão voltadas para esse porto da Istria e para o gesto do poeta Gabrielle d'Annunzio.

Que vem a ser a questão de Fiume? Qual é, afinal, a razão deste conflicto?

Convem que o operariado saiba destas coisas para vêr como se originam as guerras e como se trafica com a vida dos povos em favor de ambições partidarias e de loucuras medievaes.

Ha na Italia um partido denominado «ultra imperialista» que quer para os italianos não só Trento e Trieste, que por direito lhes pertencem, como tambem Fiume, a costa da Dalmacia, as ilhas do Adriatico, a Albania, grande parte da Asia Menor e varios territorios da Africa, regiões habitadas, as primeiras, por yugo-slavos, albanezes e gregos, povos que querem viver independentes e que não se submeterão sem resistencia ao jugo italiano.

A maioria dos territorios ambicionados pelos ultra-imperialistas italianos pertenciam antigamente á monarquia austro-hungara que por sua vez os havia arrebatado quer á Italia (Trento e Trieste) quer á Turquia (Bosnia Herzegovinia, etc.) Os imperialistas italianos conduziram a guerra contra a Austria no fito de, com a derrota dos austriacos, tornarem se os sucessores destes no dominio daqueles territorios. Mas sucede que a derrota austriaca deu em resultado o desmembramento da Austria em varios paizes independentes, sendo que aqueles sobre os quaes estavam fixas as ambições italianas, precisamente para resistir a estas ambições, uniram-se á Servia, formando o reino dos servios, croatas e slovenos, conhecido pelo nome de Yugo-Slavia. A Servia, que antes destes acontecimentos era um paiz que nem de longe se poderia medir com a Italia, tornou se, após a adesão dos croatas e slovenos á monarquia dos Karageorwitch, uma potencia militar de forças equivalentes ás do reino de Victor Manoel.

Os territorios ambicionados pelos imperialistas italianos no Adriatico formam uma estreita tira de terra que separa a Yugo-Slavia desse mar.

Si as ambições italianas fossem realizadas, o paiz dos servios, croatas e slovenos ficaria sem um porto com o qual comunicasse livremente para o mar. Ora, isto é uma injustiça com a qual os yugo-slavos não se conformam, nem tampouco o presidente Wilson. Dahi surgiu o incidente de Fiume.

Para contentar ambas as partes, a conferencia da paz, sob a influencia do presidente Wilson, tinha proposto que uma parte da cidade de Fiume ficasse com os italianos e a outra parte, com o porto e as vias-ferreas, com os yugo-slavos.

Era essa uma solução justa porquanto, si a cidade é historicamente italiana, o porto constitue a comunicação natural da Yugo-Slavia com o mar, as vias-ferreas são necessarias para assegurar essa comunicação e uma parte da cidade mister será ficar com os yugo-slavos para as suas instalações e para abrigar a população de sua raça que constitue 75 o/o da população total de Fiume.

O governo italiano parecia estar prestes a se conformar com esta solução quando Gabrielle d'Annunzio, traduzindo em acto violento o pensamento dos ultra-imperialistas, poz-se á frente de alguns milhares de aventureiros e ocupou a cidade.

Este golpe de força veio transtornar todas as negociações realizadas e deu á questão de Fiume a gravidade de que ela se reveste actualmente. Os yugo-slavos têm-se mantido na expectativa, esperando a decisão das potencias. Mas o poeta Gabrielle D'Annunzio, não contente com a rapinagem que praticou em se apoderando de Fiume pela força, quer tambem se apoderar de mais outras terras e está invadindo territorios pertencentes aos yugo-slavos, obrigando estes a pegarem em armas para se defenderem.

A situação ficou, pois, neste pè. D'Annunzio está no firme proposito de realizar, pela apropriação violenta, todas as aspirações dos ultra-imperialistes italianos: o governo italiano não tem forças para subjugar o poeta-cangaceiro porque a maioria do exercito está com ele; a França de Clemenceau, que necessita do apoio da Italia, prestigia os imperialistas italianos: Wilson não se conforma com as pretenções italianas e finalmente os yugoslavos quererão recorrer ás armas de preferencia a ficarem sem um porto, sem Fiume, que é o seu porto natural. De maneira que não está fora das possibilidades uma guerra entre a Italia e a Yugo-Slavia, com os Estados Unidos a apoiar esta ultima e a França a prestigiar a primeira. Quasi um novo conflicto mundial!

E isto porque? Só porque um poeta ambicioso, acompanhado de um bando de desvairados e irresponsaveis, sonha com uma «Grande Italia», com uma Italia «Rainha do Adriatico,» com uma «Italia Senhora de Meio-Mundo» e não se sabe mais quantas loucas grandezas. De nada serviu a lição da Alemanha.

Os megalomaniacos continuam incorrigiveis e ha ainda no mundo um suficiente numero de ingenuos e de loucos para os seguirem.

Resta saber si o povo italiano estará disposto a suportar mais alguns anos de guerra e de miseria só para que o Sr. Gabrielle D'Annuzio, coroado de louros, possa declamar os seus versos sobre um rochedo da "Fiume Italiana."

Antonio Canellas.

No proximo numero

Publicaremos um importante estudo de Boris Souvarine sobre a obra de cultura e educação realizada pelos Soviets Russos. Chamamos desde já a atenção dos homens de boa vontade para esse empolgante capitulo a «barbaria bolchevista».

COMO ELES SE ENTENDEM

A "penhora" e a "falencia" da *Gazeta de Noticias* constituiram o escandalo jornalistico e judiciario da semana. O honrado Salvador livrou-se de ambas, com grande espalhafato e com 300 contos depositados no tezouro e arranjados não sabemos onde.

O honrado Marinho encafifou e o honradissimo João Leopoldo parece mesmo que perdeu o bote.

Mas o que desejavamos frizar, neste simples registro do escandalo, era a atitude solidaria de *A Razão*. Esta folha, orgam das almas do outro mundo e do maximaluquismo picaretante deste mundo, não ha muito tempo desancara o honrado Salvador com uma serie de amaveis epitetos que escalavam do peremptorio *gatuno* ao suavissimo *proxeneta*. Agora, porèm, com o escandalo da falencia e da penhora, *A Razão* poz-se inteiramente ao lado da *Gazeta*, defendendo-a a pés juntos (os quatro), numa nota blandiciosa e circumstanciada... Sim senhor!

E explicava-se: mais tres paginas adiante, na secção paga, *A Razão* publicava em transcrição uma longa defeza da *Gazeta*... Incontestavelmente era uma solida razão para que *A Razão* desse razão á *Gazeta*.

Importante

Todos os valores destinados a Spártacus, *sejam em vales postaes, sejam em carta registrada, devem ser de ora em diante endereçados exclusivamente a nome de Astrojildo Pereira, Caixa Postal 1936, Rio.*

Rerum novarum

ESTRANGEIROS

Digam o que quizerem, é forçoso reconhecer que a sociedade burgueza tem muita coisa de interessante. Eu sei que os comunistas se preparam para a liquidar, chamando-a apressadamente a contas, antes que ela mesma declare a sua falencia, mas sei tambem, com iniludivel certeza, que, após a liquidação, havemos de choral-a durante longo tempo, como os reis antigos longo tempo choravam a perda dos seus bôbos. Havemos de lastimar o seu desaparecimento, porque com ela desaparecerá tambem o grande motivo do nosso riso e do nosso humor, tão uteis á saude do corpo e do espirito e tão indispensaveis.

A sociedade burgueza não é simplesmente uma chalaça, mas uma fonte de chalaças, não é simplesmente nma risada, mas um manancial inteiro de risadas. Por isso eu si, por um lado, estimo o triunfo do comunismo, por outro quasi lastimo e me peza e me entristece a total desaparição da burguezia e da sua chocarreira sociedade. Neste sentido, chega a ter razão o eminente conselheiro sr. Nuno de Andrade, quando afirma que o comunismo dos comunistas será uma sociedade sem interesse e sem vida, será uma "sociedade morta." Efectivamente, creio bem que a ordem comunista não fará rir como a sociedade burgueza, nem terá o seu espirito chocarreiro, nem o seu sentimento de galhofa, a mesma pandega de maneiras, a mesma jocosidade.

Neste sentido será, sem duvida, uma sociedade morta, insuportavel de bom senso e tres vezes insuportavel de bom gosto. Não haverá logar para a troça, porque a troça terá cessado de existir no mesmo dia e á mesma hora em que a alegre sociedade burgueza definitivamente houver cessado de ser.

O que eu, porém, desejava dizer nesta nota não era nada disto.

Pretendia unicamente acentuar este facto: é que todos os agitadores, em todos os paizes do mundo, são sempre e irremediavelmente estrangeiros. Estrangeiros os que escrevem, estrangeiros os que falam, estrangeiros os que não falam nem escrevem, mas agitam, mandando que outros falem e escrevam, que outros façam.

O ultimo paiz agitado por estrangeiros é a America do Norte.

Os jornaes da manhã é o que dizem, tratando da grande gréve nas usinas de aço. Todas as nações da Europa têm dito a mesma coisa, articulado o mesmo facto. Na America do Sul, Brazil inclusivé, na Asia, na Africa, na Oceania o mesmissimo facto, a mesmissima articulação.

De sorte que, verificado isto, aceita sem reluctancia e sem contestação, essa extraordinaria alegação de todos os governos e governichos da terra, eu farei a esses mesmos governos e a esses respeitaveis governichos esta necessaria e inocente pergunta:

—Fazem o favar de me dizer a que singular região do globo pertencem os estraugeiros agitadores que pertubam a remançosa tranquilidade desses respeitaveis governos e não menos respeitaveis governichos?

Roberto Feijó.

Cartas da Lua

AOS MEUS COLEGAS DA GRANDE IMPRENSA

Em minha primeira carta eu afirmei que se trava agora, ahi na terra, a maior batalha da historia. Disse mais que essa batalha se desenvolve em toda a superficie do globo, já tendo, portanto, atingido ao Brazil, onde, como em todos os outros paizes, um grupo de sujeitos, (mas ahi estrangeiros quasi todos), manejam á vontade, pela força do ouro, homens do governo e homens do trabalho, dominantes e dominados.

A grande luta, pois, de que venho falando, e que no Brazil toma agora os primeiros aspectos agudos, outra não póde ser sinão a guerra social, isto é, o levante geral dos dominados, dos oprimidos e explorados, contra os dominantes e exploradores, representados pelo Estado burguez e o capitalismo cosmopolita.

Essa guerra póde ser mais, ou menos demorada, pouco ou muito sangrenta, conforme nela intervenham estes ou aqueles factores secundarios, que adiante apontarei, mas a victoria final, essa vocês já devem ter comprehendido que será fatalmente dos oprimidos e explorados, ou seja, do proletariado a que vocês tambem pertencem, como já frisei na primeira carta.

Para que a revolução social seja menos sangrenta e destruidora, como suponho desejam todos os que não sejam monstros, é preciso que se lhe não criem novos obstaculos, ha que aplainar-lhe a estrada triunfal.

Ora, esse trabalho compete principalmente a um daqueles factores a que antes aludi,—isto é, á grande imprensa, que os meus colegas manejam.

E o que fazem vocês no jornal?

Já sei que vão protestar, objectando-me que fazem o que podem fazer, que os deveres da imprensa são estes ou são aqueles; ou ainda, que o jornal só póde por emquanto viver, e dar trabalho aos meus ilustres colegas, curvando-se a todas as injunções do Capital e do Estado.

Mas eu sei disso; e precisamente porque o sei é que lhes dirijo estas cartas. Não nos precipitemos, porém; deixem-me continuar que em breve lá chegaremos...

Como eu ia dizendo, vocês não só não procuram aplainar o caminho á revolução inevitavel, tornando-a menos desastrosa e inhumana, mas fazem peor: toda vez que se apercebem de sua marcha, como se deu ha dias, desenvolvem vocês uma ação tão desastrada, ao influxo de sugestões *do alto*, que melhor fôra não existissem jornaes. Porque,—e eu o digo com toda a imparcialidade de habitante da lua, alheio aos interesses ahi em jogo—todos os artigos, notas e noticias que vocês ahi escrevem, eivados de perfidias e veneno, e ocultando a verdade dos factos— tudo isso só alcança um fim nefasto: acirrar os odios das partes contendoras, iludir a bôa-fé da classe media, neutra ou indiferente por sua condição social, mas que, (embora simpatica á plebe, para cujas fileiras se passaria em breve com vantagem) mas que, assim ludibriada, sem saber de que lado está a razão, constitue um para-choque entre as forças da evolução e da reação—o que se traduz por um acrescimo de violencia na obra da transformação social.

Ao proletariado a imprensa não conseguirá mais iludir, (como o não embrulhará Monsenhor Rangel); nem o regimen capitalista se tornará pela sua ação compativel com as actuaes necessidades do Brazil, maximé intervindo em seu funcionamento interesses contrarios aos nossos, isto é, aos do verdadeiro povo que trabalha e que sofre no Brazil.

E' a força do determinismo historico.

Não tenho mais espaço para esta: até ao proximo sabado.

Saudações do

Avila.

Tramas e tramoias da praça

A honrada jogatina do café a termo

Uma das fórmas mais caracteristicas da piratagem comercial burgueza entre nós é a jogatina do café. A jogatina é legalissima e os seus parceiros são todos honrados comerciantes da praça, banqueiros, financistas, corretores, zangãos, etc., gente conservadora, amiga da ordem, amiga do governo, amiga da policia.

Vale a pena, para edificação dos ingenuos, traçar uma rapida referencia sobre o modo e os processos usados nessa desabalada jogatina.

O mercado de café no mundo é actualmente regulado pela Bolsa de New York. Ha um serviço telegrafico especial consagrado ás informações sobre a alta e baixa do negocio. Alta e baixa fluctuam á mercê da temperatura, das geadas, etc. Baseados nessas e outras variações, os honrados jogadores tramam, apostam, pilham, compram e vendem milhares de sacas de café... que não existem. E' o que se chama café a termo.

Exemplifiquemos.

A vende a B 1.000 sacas de café para entregar em janeiro, á razão de 16$700 cada arroba, ou sejam 66$800 por saca, ou.... 66:800$000 pelas mil sacas. Mas estas mil sacas existem apenas virtualmente, isto é, presupõe-se que A tem dinheiro ou crédito para adquiril-as e entregal-as no prazo marcado. De facto não existem. E' uma existencia apenas—a termo.

Continuemos...

Duas horas depois de fechado o negocio, A sabe, por telegrama ou boato seguro, que se manifestou uma alta de 1$200 por arroba. Farejador e expedito, A corre á procura de B e propõe-lhe recompra das mesmas 1.000 sacas por 17$200, isto é, por 16$700 + $500, dando pois a B um lucro liquido de $500 por arroba. B aceita o negocio. E A por sua vez vai vender a C as mesmissimas 1.000 sacas por 17$900, realizando um lucro de $700 por arroba. Resultados finaes: em 2 horas, sobre um café de facto não existente, B embolsou (500 × 4 × 1000) 2:000$000, e A, com a recompra e a revenda, (700 × 4 × 1.000) 2:800$000.

O dia foi bem ganho. Suaram um pouco, é verdade, porque o tempo estava quente, e amolaram-se ao telefone com o desleixo das biscas das telefonistas, vagarosas nas ligações para a trama e a tramoia do jogo. Porque, acrecente-se, grande parte dessas compras e recompras, vendas e revendas se efectua simplesmente pelo telefone...

Mas, ganho assim honradamente o dia, no extenuante e honrado trabalho, A e B, honrados piratas da praça, descem a Avenida, vão tomar gelados ao Alvear, flirtar com as melindrosas galantes, discutir o foot-ball e o turf... A' noite vão ao Municipal, ou ao High Life, onde as francezas da Polonia lhes liquidam, regados a champagne, os contos ganhos no honrado trabalho do dia.

Pela manhã seguinte, A e B levantam-se, estremunhados, e, depois do banho e do café, lêm o *Jornal do Comercio*, ou *O Paiz*. E aplaudem, com todas as forças, os tremendos editoriaes dos grandes orgãos contra o «maximalismo louco» e o «fermento anarquico», prégados por uma sucia de malandros e estrangeiros de má catadura...

—Canalhas! Perturbadores da ordem! Cadeia e expulsão para essa canalha!... E' preciso limpar o Brazil...

E depois A e B descem para a cidade, onde os espera a dobadoura do honrado trabalho. E acabou-se!

Isto é, esquecia-me de dizer que os exaltados patriotas A e B nasceram, respectivamente, o primeiro na America do Norte, e o segundo na Inglaterra...

Geca Vermelho.

Os nossos presos

Teve inicio ante-hontem o sumario de culpa a que estão respondendo, por obra e graça da benemerita policia republicana e democratica, os onze camaradas acusados do horroroso crime de falar ás massas...

Vamos ver em que pára este entremez. Na cadeia? Pode ser... Mas nem todo o dia é o dia da caça, com mil diabos!

E lá nas grades continuam, tambem emaranhados nas complicações do Codigo, os dedicados camaradas Aquilino Lopes e Oscar Silva. Mas hão de sair, e hão de um dia rir com o melhor dos risos... porque ri sempre melhor quem ri por ultimo.

A proposito, lembremos, sériamente, que o Comitê pró Presos espera de todos nós auxilios e provas concretas de solidariedade em favor desses companheiros.

Os anarquistas brazileiros ao povo

Enviaram-nos sua adesão ao manifesto, aqui publicado a semana passada, mais os seguintes camaradas brazileiros, residentes no Rio:

Adriano dos Santos, empregado no comercio; Agenor Marinho, electricista; Anchises de Souza, marcineiro; Annunziata Boni; Antonio Francisco Rux, carpinteiro; Antonio Geraes, empregado no comercio; Carolina Boni, estudante; Corina Licurso; Elvira Boni, costureira; Emma Silveira, costureira; Ernestina Boni, estudante; Francisca dos Santos, costureira; Isabel Peleteiro, costureira; Luiz de França, carpinteiro e marcineiro; Maria José dos Santos, costureira; Nilo Ferreira, empregado no comercio; Noemia Fonseca; Olgiér Lacerda, empregado no comercio; Paulo de Castro, empregado no comercio; Silvino Silveira, jornalista.

Já composta a lista de nomes acima, quando recebemos, por carta, mais as seguintes adesões:

Afonso Carneiro, grafico; Antonio Augusto, metalurgico; Gastão Silva Bastos, empregado de escritorio; Ludolpho Silva, grafico; Manoel Fernandes Rosa, empregado no comercio; Sabbatino José Casini, metalurgico; e de São Paulo: Rodolpho Felippe, maquinista.

Pontos nos ii

(Carta aberta aos camaradas)

«Agora posso viver de novo em liberdade, confraternizar com os operarios, ensinar-lhes o que sei. Assim, estarei junto ao berço do ideal que vem surgindo, junto da propria energia creadora nascente».

Assim se exprimia Nicolau, falando a Pelaguê, no romance — *A Mãe*—de M. Gorki, quando lhe anunciava que deixara de ser funcionario de uma repartição do Estado.

Tambem eu, tendo completado o tempo de serviço tecnico que me comprometi a prestar á Municipalidade, em que empreguei com lealdade absoluta todas as minhas energias de moço, ferindo-me sempre contra as barreiras, o arame farpado e as armadilhas em que se emboscam as mais venenosas especies de burocratas; tambem eu posso agora, emfim, dedicar-me inteiramente á causa da liberdade.

Contribúo com o que está nas minhas fracas aptidões, e creio prestar um serviço sincero, embora desvalorizado, á reforma social transmitindo o que sei aos meus camaradas.

Como anarquista que sou, não pretendo com isso colocar-me em posição acima dos camaradas. Sou um irmão mais velho, que teve mais tempo e mais vagares e mais facilidades de aprender.

Venho transmitir, como posso e o que posso, aos que, na conquista do pão, não dispõem de tempo suficiente para estudar. Leio para eles e por eles; reuno-os, em dias determinados; com eles converso sobre cousas de sciencia, e em boa camaradagem passo algum tempo.

Não faço conferencias. Nunca me meti a orador, nem tomei parte nas series das conferencias literarias que com elenco determinado e preços de assinatura fizeram *tournées* pelos Estados, como *mambembes* teatraes.

Meu fito, aceitando com prazer o convite que me fizeram os companheiros operarios, foi ficar mais perto do vulcão que ronca e prepara sua erupção e já vae promovendo terremotos e maremotos. Quero regristrar-lhe os movimentos scismicos, e morrer feliz, si, como Plinio, me submergir na cratéra, envolto na fumarada da erupção, no turbilhão das lavas. Não tenho outra preocupação, nem outra aspiração que não seja a victoria do idéal que me alentou a alma de moço e se cristalizou em prisma facetado, de onde a luz de um futuro de amor e felicidade tira chispas douradas que iluminam o caminho da velhice.

Nem desejo ser oraculo, guia, mestre ou dirigente, como supõe alguem. Nenhuma injuria maior me poderia ser feita do que esta de comparar-me com os profissionaes da politicagem eleitoral que em todos os tempos se meteram nos meios operarios para fazer eleições e former eleitorado, exemplo aproveitado pelos padres que procuram transformar em confrarias religiosas — os sindicatos operarios, em ordens-terceiras, irmandades e confederações de S. Vicente, do Coração de Jesus, das Filhas de Maria, etc., as sociedades de resistencia. Uns paladinos da Republica, outros propagadores da Monarquia Universal.

E' um alto sentimento de justiça que me impulsiona para comvosco alcançar a realização de uma reforma social de igualdade absoluta. Esse sentimento será gerado pelo meu egoismo que procura evitar a perspectiva do mal alheio, que me faz mal aos nervos? Que vos importa saber e rebuscar essa psicologia si pode ser de alguma utilidade, transmutados em altruismo, esse meu sentir e esse meu querer?

Aceitae-me como sou, e aproveitae do que sou quanto vos possa ser util e, no mais... imitae o industrial, atirando ao lixo o bagaço.

Sendo, como sou, uma parte do todo, terei tido já minha boa parte de recompensas naquilo que houverdes aproveitado de mim como cousa util; com isso estará cumprida minha missão.

Não sou exegéta, nem teorista da anarquia; sou um convencido da excelencia da organização social anarquica do futuro.

Rio, 7 de julho de 1919.

Fabio Luz

(De *A Seara*, n. 3)

Atentado anarquista

O conego Amarante
Era metido a sebo, a Juan Tenorio,
Sempre todo enfeitado e petulante,
Como se fosse um santo de oratorio.

De facto era formoso
E a bem feita batina
Dava-lhe um ar solene e tão airoso
Que matava de amor qualquer menina!

Era o terror dos namorados. Quando
Na rua ele passeava,
O seu arguto olhar não descançava,
Conquistas procurando.

E era esperto, não era nenhum Soisa...
Quando deitava a vista a algum feitiço,
Não terminava o seu derriço,
Sem haver conseguido alguma coisa...

Mas um dia, diabolica desgraça!
Ante os seus olhos passa,
Provocante, divina, vaporosa,
Uma presa bastante apetitosa.

E foi seguindo a bela,
Sorrindo-lhe, a dizer galanterias.
A seduções era propicia aquela
Manhã cheia de sol e de alegrias.

Calma, ela ouviu a enfiada
Das asneiras do conego Amarante.
E ele, julgando-a já catequizada,
Certa parte apalpou-lhe, com desplante...

Fecha os olhos, leitora recatada!
Não queiras ver o estado lastimoso
Em que ficou a cara deslavada
Do conego. O tinhoso,

Certo, parte tomou neste atentado
Contra a beleza e a paz de um sacerdote,
Que ficou com um nariz esborrachado
E com um olho tal qual um holofote...

* * *

Nesse dia a policia
Forneceu aos jornaes
Esta sensacional noticia,
Que foi impressa em letras garrafaes:

«ATENTADO ANARQUISTA
O rev. conego Amarante,
Cuja santa pessoa é tão bemquista,
Pela sua virtude e caridade,
Hoje, de modo revoltante,
Numa rua deserta da cidade,
Sofreu uma agressão
Que quasi priva a Egreja e a Sociedade

De um dos seus ornamentos principaes.
O facto, que de justa indignação
Encheu todas as classes sociaes,
Passou-se assim desta maneira:
O virtuoso vigario,
Na sua faina costumeira
De ir ao bairro operario
Levar conforto ao sofrimento e ás dores
Dos bons trabalhadores,
Sósinho, incautamente,

Hoje entrou numa rua silenciosa,
Lendo, calmo, o breviario. De repente,
Numa atitude insolita, audaciosa,
Um individuo alto, suspeito,
—Féra de fórma humana!—
Agarrou pelo peito
O ministro de Deus. Com raiva insana,
Dando um viva á Anarquia,
O perverso canalha
Sacou de uma navalha.
Ma oh! milagre á plena luz do dia!
Oh! milagre evidente!
Antes que o tiro barbaro partisse
Providencialmente,
Sem que alguem visse
Donde acaso sahira, um policial
Correu, para salvar o reverendo
Dos golpes do punhal
Do scelerado, que, tremendo,
Então fugiu
Rapidamente.
—Mas, embora isso a custo se acredite—
Deixou cair das mãos, tintas de sangue,
Ao pé do padre exangue,
Uma brutal bomba de dinamite,
Que felizmente
Não explodiu...

O mui virtuoso conego Amarante,
Além das emoções
Desse atentado revoltante,
Guarda apenas no rosto
Leves excoriações.
A policia prosegue em suas pistas,
Tendo prendido já, no 5º posto,
Para averiguações,
Varios tipos suspeitos de anarquistas...»

Raymundo Reis.

(Dos "Cauterios").

O problema da mendicidade

No vasto campo da podridão burgueza, entre todos os efeitos dimanados de uma causa unica e exclusiva que é a propriedade privada, salienta-se como uma mancha negra cheia de miseria, como um cancro repugnante, a mendicidade, produto hibrido e directo de um regimen iniquo e depravado, da podridão de cujos alicerces depende a sua quéda proxima, e sobre cujos escombros tremulará sublime a bandeira das humanas reivindicações.

Verdadeiros exercitos de párias victimas da desordem legal, imperativa e prepotente, povoam as grandes cidades de todo o Planeta, estendendo-se cada vez mais, como uma terrivel epidemia, sem que a incompetente e mediocre mentalidade dos legisladores de todas as cores politicas chegue, por acaso, a acertar com um remedio capaz de pôr fim a um mal profundamente arraigado no enfermo coração da sociedade actual. Isso porque o parlamentarismo só serve para ludibriar e desorientar os trabalhadores, para os afastar da verdadeira orientação revolucionaria.

A imprensa, os chamados «diarios da opinião» contribuem nefanda e cruelmente para esta obra que pretende perpetuar o erro e a violencia codificada, vendendo-se cinicamente, como prostituta interesseira, a quem melhor paga os seus beijos cheios de luxuria.

Productos da sociedade, os mendigos têm a propria sociedade por perseguidora, por verdugo despotico e contumaz.

As burocraticas instituições creadas por essa corja de traga-hostias que empestam as ruas da cidade, e que se chamam asilos de mendigos, são uma refinada forma aliás profundamente ironica com que iludem a bôa fé da população ingenua e obsecada pelo fanatismo religioso.

E os Asilos são poucos. Os mendigos são muitos milhares que percorrem desesperados a cidade, de canto a canto, como andorinhas extraviadas.

Paris, na vespera da historica Revolução Franceza, tinha cerca de 200.000 entre mendigos e desocupados. O Rio de Janeiro, na época do apogeu do trabalho, presenceia diariamente o desfile de centenas e centenas. Serão os sintomas duma proxima Revolução Social no Brazil? Tempo ao tempo...

A presença desses seres no centro da cidade dão «nota de má estetica», porque perturbam a digestão do meretricio da alta esfera e a tranquilidade dos lobos da finança, dos tubarões da industria.

Mas, por mais que se oculte a chaga, o pús é delator porque é muito e mal cheiroso.

Defeituosa e corrupta, a sociedade abriga em seu seio a mendicidade da qual é a causa geratriz. E para cúmulo de crueldade e injustiça essa propria sociedade quer excluil-os do seu seio, deportando-os pora o interior do paiz, dando novos impulsos á escravidão que impera vergonhosa. Que polés as famosas fazendas negreiras onde impera o regimen da grilheta e do chicote!

A civilização é apenas uma palavra que serve de pretexto para retardar o advento de melhores dias, de felizes anos.

«Os mendigos são muitos.» Mas porque ha tantos? Quem são esses mendigos? Porque andam na mendicidade?

Fale o pobre pedreiro, que sahiu de casa para ganhar o sustento mesquinho de seus filhinhos, e que quando desabou o andaime ficou sem uma perna: o infeliz mineiro que emquanto arrancava ouro para a burguezia se adornar, um bloco de terra o aleijou para toda vida: fale o marceneiro que deixou um braço na engrenagem do mecanismo, emquanto trabalhava para outros comerem e passearem; o grafico que ficou tuberculoso; o pintor que ficou tisico devido á ação das tintas; falem, emfim, todas as vitimas da desorganização do trabalho. Esses seres merecem perseguições, encarceramento, deportação? Em nome da humana idéa anarquista, em nome do sentimento humano, nós levantamos altivos o nosso protesto.

Os que, a serviço da sociedade, tiveram a infelicidade de perder um membro ou ficar inutilizados, esses são desprezados e ludibriados pela sociedade assassina que só garante o privilegio dos potentados e dos ladrões.

Sem que se tenha em conta a sua inutilidade para qualquer trabalho

util, são perseguidos na cidade: na esperança de conservar a liberdade fogem para os suburbios, e lá, ainda lá, são presos.

Então, porque o governo não mata logo de uma vez todos os mendigos? E' porque tem o prazer de os ver morrer aos poucos, na cruel agonia dos dias sombrios?

Ainda na miseria o mendigo abriga a esperança de ser feliz um dia. Embora viva vegetando na superficie de uma vida inutil, conserva intacto o seu amor proprio. Porque não se respeita essa tendencia natural no homem? Semelhante a uma folha seca que o vento leva caprichoso á mercê do seu impulso natural, vivem os mendigos á mercê da prepotencia governamental.

A mendicidade existe porque existe a exploração do homem pelo homem, e ainda porque ha o clero que prega a ignorancia e perpetúa o erro, e o militarismo que embrutece o sentimento.

A ação do governo é improficua, porque para extinguir a mendicidade deve-se extinguir a si mesmo. No auge do desespero lança mão de armas vilissimas, ignobeis e repelentes. E apesar de tudo, o comunismo avança. Os empecilhos e os embaraços que o governo arranja podem apenas retardar a implantação do «Quem não trabalha não come», o categorico lema comunista que acabará com a mendicidade e com todos os vicios e as imperfeições da sociedade hierarquizada.

E será do sagrado dever da colectividade sustentar com carinho e amizade a todos aqueles companheiros e companheiras que, colaborando na produção social, tiverem a infelicidade de ficar inutilisados para o trabalho util.

E. Romano Crocci

Uma miseria

Entre os que, outro dia, num cinema de S. Christovam, protestaram contra a exhibição do indecente film Lua Nova, estava o camarada Manuel Esteves, empregado da Light.

Pois bem: a policia denunciou-o á poderosa empreza canadense, e esta, que não admite empregados anarquistas—só os carneiros submissos e servis lhe convem—demitiu-o.

Eis pois ahi está um pequeno facto revoltante a provar uma vez mais que a policia existe e funciona principalmente para servir os capitalistas... ainda que estrangeiros.

E viva a liberdade! E viva o patri[illegible]mo! E viva a Republica... [illegible] tubarões!

Salão de Barbeiro

Sabado passado inaugurou-se o Salão de Barbeiro da rua José Mauricio 41, estabelecido por 12 camaradas boicotados pelos patrões devido á ultima gréve da classe.

O salão é vasto e montado com limpeza, conforto e bom gosto, embora modestamente. E' um salão de trabalhadores para trabalhadores.

O trabalho é nele organizado sobre base comunista. Todos os oficiaes trabalham e ganham em pé de igualdade, com abolição completa da aviltante gorgeta.

Todos os operarios devem dar preferencia a este Salão. E' necessario que o esforço desses camaradas barbeiros, organizando um tão belo ensaio de livre trabalho, seja fartamente compensado pela nossa solidariedade de classe.

Grande festival

Realisar-se-á no dia 1 de Novembro vindouro, no Centro Galego, um grande festival artistico-social, organisado pela Liga Comunista Feminina, em beneficio de um orgam de idéas avançadas.

O programa, que será publicado oportunamente, consta de conferencia, parte dramatica e baile.

Os ingressos já se encontram á venda.

Imaginar uma sociedade impenetravel ás transformações das épocas é imaginar um corpo sem porosidade. —JOAQUIM NABUCO.

Boletim da guerra social

Através os telegramas da semana

Nos Estados Unidos

Ainda perdura a gréve dos metalurgicos.

Pelo numero consideravel dos grévistas, o qual tende a aumentar ainda, e pela adesão que vae recebendo de outras classes operarias, a gréve dos trabalhadores em aço assume proporções de uma verdadeira batalha entre o Capitalismo e o Trabalho.

Como geralmente sucede, o motivo desta presente revolta proletariana é a situação angustiosa por que está passando nos Estados Unidos a classe operaria, apezar das fanfarronadas e grandezas americanas. Acresce ainda a circumstancia, de todo ponto importante, de haver sido grandemente modificada, com a conflagração ultima, a mentalidade das massas trabalhadoras, que começam agora a exigir dos dominadores da terra, universalmente e conscientemente, o direito imprescriptivel que elas têm um logar no banquete da vida.

Pondo em pratica os seus velhos e ferozes processos de abafar as vozes que clamam justiça, a policia yankee tem prendido, tem ferido e tem assassinado aquêles que não se curvam ás torpes explorações dos capitalistas e industriaes, a cujo soldo se encontra ela. Varios comicios têm sido dissolvidos á bala e quantas outras mais abominações não tem havido que o telegrafo nos oculta?

Labora num formidavel engano o governo yankee si julga poder resolver a questão operaria por meio de baionetas.

As atrocidades de Chicago, cometidas ha 30 anos, são bem uma amostra do quanto são inuteis as perseguições: ao passo que os verdugos têm sido stigmatisados pela opinião publica, a admiração pelas suas victimas cresce de dia em dia no coração do proletariado de todo o mundo.

Na Inglaterra

Desta vez a tradicional pontualidade de John Bull foi por agua abaixo. Que raiva a sua, ele que tinha o orgulho de manter em seus dominios os mais regulares serviços, a tempos e a horas? Mas eis que meio milhão de ferro-viarios se põe em gréve e... era uma vez o orgulho de John.

Informam-nos os ultimos telegramas que a população se mostra indignada com a atitude revolucionaria dos grevistas, considerando a presente gréve como indisculpavel e anti-patriotica.

Não nos deixemos iludir, entretanto. Não é crivel que a população ingleza, em sua grande maioria proletaria, se insurja contra um acto de plena justiça, qual o dos empregados em ferro-vias.

Ela padece tambem as horriveis consequencias do detestavel regimen do salariato e tambem aspira a vêr compensados condignamente os seus esforços, que redundam no desenvolvimento da riqueza social.

A população a que os telegramas se referem não pode ser outra, estamos certos, que a dos lords, a dos industriaes, a dos comerciantes e demais lobos e gaviões. Esta sim, para esta nada melhor haveria que a submissão passiva e rastejante do operariado ás exigencias e má paga do patronato.

Devido á paralisação das linhas ferreas, tem-se visto o governo em sérios embaraços para normalisar os seus serviços, como o postal e varios outros. Receia tambem o governo que a esta gréve venham a aderir outras classes operarias, uma das quaes a forte agremiação da Federação dos Transportes, num generoso movimento de solidariedade, como se julga a todo o momento se dê.

Como consequencia da gréve, estão paralisados 400.000 mineiros e 26.000 operarios latoeiros, bem como os serviços das docas de Londres.

Qual a razão da gréve? Nem mais nem menos que a redução dos salarios pagos durante a conflagração. Quer dizer: uma enorme desproporção entre os salarios mesquinhos pagos antes da guerra e o elevado custo actual dos generos. Todas as mercadorias aumentaram de preço com a carnificina e não tendem a baixar; sómente o braço trabalhador, na opinião dos capitalistas britanicos, é que haveria de ser desvalorisado. Si com os salarios de guerra os trabalhadores não viviam desafogados, ou melhor, curtiam inumeraveis privações, — como, pois, querer reduzir-lhes ainda os insignificantes salarios? como intentar amargurar-lhes mais a existencia, áqueles que são, precisamente, os verdadeiros factores do progresso do paiz?

Mas á ganancia da camorra capitalista, ahi está a belissima resposta dos ferro-viarios, demonstrando bem alto a sua energia, o seu desassombro, a sua independencia.

Na Italia

Ainda prende a atenção mundial a aventura nacionalisteira de D'Annunzio, levada a cabo em perfeita hormonia de vistas com a côrte reinante da Italia.

Já foi dissolvida a Camara em virtude dos acontecimentos desenrolados. Cruzam-se boatos e desmentidos, ora a proposito da ameaça do bloqueio á Italia feita pelo presidente Wilson, ora a proposito das intenções anexionistas dos Yugo-slavos.

Rezam os telegramas que o poeta-condottiére conta com a adesão de varios elementos sociaes. Que elementos serão esses? Naturalmente os imperialistas, os que almejam vêr os dominios da Italia aumentados enormemente, os que sonham com as antigas grandezas de Roma.

A Conferencia da Paz parece ter considerado a ocupação de Fiume méra questão interna a ser resolvida pelo proprio governo italiano.

Que sucederá de tudo isto?

Ficará aquele porto anexado ao reino italiano ou passará ao dominio da Yugo-Slavia, que o reclama como imprescindivel á vasão de seus productos, como de absoluta necessidade ao seu comercio exterior?

E' dificilima a resposta.

Depois da sanguinolenta carnificina que encheu de dôr e luto a uma multidão de sêres e acasionou a morte a milhões de homens, carnificina originada principalmente pelas descomedidas ambições imperialistas de varios paizes, — custa-se a crêr que haja ainda nações que continuem a ter a mesma mentalidade que elas proprias reprovavam em outras. O governo italiano declarou guerra á Alemanha sob o pretexto de que era necessario cortar os vôos imperialistas de Guilherme II, os quaes ameaçavam a tranquilidade do mundo.

Que faz, entretanto, o governo italiano nesse momento, de concerto com Gabrielle D'Annunzio? Nada mais nada menos que o provavel desencadear de uma guerra entre a Italia e a Yugo-Slavia.

Mais uma vez o sangue proletario a correr em rios, exclusivamente para sustentar caprichos dos governantes, dos poderosos, dos potentados!

Aguardemos comtudo os acontecimentos e tenhamos esperanças.

Incentivados pelo exemplo do proletariado russo, é de esperar que o proletariado da Italia e o proletariado da Yugo-Slavia, num belo gesto de altivez e solidariedade, se dêm fraternalmente as mãos por cima das fronteiras, expulsando dos respectivos territorios a casta de parasitas e sangue-sugas que os exploram e infelicitam.

Seria, não ha duvida nenhuma, uma solução verdadeiramente modelar á quêstão de Fiume.

Na Russia

Boatos telegraficos fizeram correr pelo mundo esta nova sesquipedal: que Lénine e Trotski fizeram propostas incondicionaes de paz aos aliados, após a qual abandonariam a Russia á protecção anglo-franco-americana e retirar-se-iam para a America do Sul ou para a... Lua.

E' sempre curioso anotar, no entanto, que as noticias pessimistas a respeito da Russia se espalham precisamente quando o tempo esquenta intra muros nos paizes aliados.

Mas este carapetão de agora é demasiado inhabil e calvissimo.

E' certo que os exercitos vermelhos desejam a paz... principalmente porque já estão cançados de dar bordoada. Mas dahi a abandonarem a Russia Lénine e Trotski... a distancia é um pouco longa, um pouquinho mesmo mais longa que todos os fios telegraficos do mundo emendados.

EM CRUZEIRO

A gréve da Rede Sul-Mineira

Por motivo de maus tratos infligidos a um aprendiz pelo mestre geral das oficinas da Rede, em Cruzeiro, a União Operaria 1º de Maio, dessa localidade, declarou a gréve pacifica, exigindo a demissão do verdugo.

O movimento foi rapido e geral. O serviço da estrada ficou completamente paralizado. Certos da justiça da sua causa e contando com as simpatias geraes da população de Cruzeiro, os grévistas confiavam plenamente no exito da parede.

Pois bem: esta fracassou.

Já se sabe porque. O moral dos grévistas era excelente. Mas entre milhares de gente digna e de brio ha sempre lugar para algumas dezenas de desbriados e de indignos. Juntem-se a isso as costumeiras ameaças da policia e a velhacaria corruptora dos chefes e chefões — e explicado se acha plenamente o fracasso.

Esses infelizes Krumiros, que tão miseravelmente envergonham a classe obreira, não consiguirão, no entanto, diminuir a altivez consciente dos militantes da União Operaria. Esta continuará de pé, e não lhe sobejarão ensejos para desforras estrondosas. Até o dia da desforra definitiva.

A Liga do Bom Senso e a elevação dos salarios

Diz o Sr. A. C., em seu artigo de 30 de Setembro, que a carestia da vida, na opinião do Sr. Gustavo Le Bon, tem uma unica origem: Produção inferior ás necessidades de consumo.

Entre as causas principaes, cita tambem o autor os aumentos dos salarios e redução das horas de trabalho.

Depois de longas considerações sobe o assunto, diz o Sr. A. C.:

«A elevação dos salarios é o medicamento mais preconisado nos meios operarios.

Para conseguil-o, repetem-se gréves violentas que obrigam os industriaes a cederem.

O aumento de salario longe de diminuir o preço da vida, o tem encarecido.»

Continúa o Sr. A. C.:

«A elevação do salario contribue grandemente para aviltar o valor do dinheiro, e é tambem erro gravissimo reduzir as horas de trabalho, quando é necessario intensificar a produção.

Produzir ou desaparecer,—eis a lei inexoravel que vae reger o destino dos povos».

Assim termina o Sr. A. C., declarando que foi fundada, em Rochefort, uma Liga do Bom Senso, para explicar estas verdades, e rectificar os erros dos agitadores das classes operarias, que podem arrastal-as ás revoluções sangrentas.

O que o Sr. A. C. não explica são as medidas, que devem ser postas em pratica, para remediar todos esses males.

Reconhe ele:

1º—Que a produção é inferior ás necessidades de consumo;

2º—Que a redução das horas de trabalho contribue para o decrescimo da produção;

3º—Que o aumento de salario, longe de baratear, encarece a vida;

4º—Que para viver é necessario produzir.

Mas porque motivo a vida encareceu, obrigando os operarios a reclamarem aumento de salarios? e qual foi a causa do decrescimo da produção?

Foi porventura a diminuição das horas de trabalho?

A causa de todos os males cabe exclusivamente á burguezia.

Foi ela que provocou a enorme carnificina que durante 4 anos ensanguentou o sólo europeu, sacrificando brutalmente milhões de vidas preciosas, em plena jujuventude.

E foi essa guerra maldita que, arrancando a mocidade productora dos campos e das oficinas, desorganisou completamente a produção universal.

Os Srs. capitalistas sabiam perfeitamente que a guerra acarretaria, fatalmente, graves prejuizos; já porque o abastecimento dos exercitos aumentaria enormemente o consumo, já porque o afastamento dos productores diminuiria consideravelmente a produção.

No entanto, durante esse tempo não cogitaram de fundar «ligas de bom senso» para evitar taes males.

Agora, vendo tudo em ruinas, e sentindo perto o grito de revolta do proletariado mundial, procuram avidamente medidas tendentes a minorar o mal que praticaram, tentando dar combate ás reivindicações operarias, sem comtudo atinarem com o meio a empregar para dar remedio á crise brutal que provocaram.

Mas é muito tarde.

O mal é irremediavel e a molestia burgueza não tem cura.

O bom senso já nos indicou o caminho que temos a seguir.

Foi o proprio Sr. A. C. que o indicou:— «produzir ou desaparecer.»

Pois bem; nós já estamos fartos de produzir e de ver a nossa produção desaparecer, devorada pela insaciavel burguezia.

Apliquemos a ela o remedio: —«produza ou desapareça».

O proletariado desperta finalmente, disposto a dar combate sem tregoas a seus exploradores, e não será com «ligas de bom senso», nem com aumentos de salarios que dará remedio á situação premente que atravessa a humanidade.

A crise terá fim com a derrocada final do capitalismo, pondo fim á exploração aviltante do homem pelo homem, implantando um regimen de igualdade, e este regimen será o preconisado pelo comunismo anarquico.

Manoel Peres.

Ação proletaria

A Conferencia de Washington

Todas as associações de classe que formam a Federação dos Trabalhadores do Rio de Janeiro—e são 22, e são as mais importantes, quer pelo numero de associados, algumas, quer pela sua actividade e influencia social—recusaram-se terminantemente atender ao pedido do governo no sentido de indicar um nome operario para delegado ao Congresso de Washington. Elas sabem que esse Congresso é um formidavel engodo da burguezia internacional e não estão dispostas a ser engodadas.

A mesma atitude já tomou a Federação Operaria de S. Paulo, e a mesma atitude tomarão as Federações congeneres do Rio Grande do Sul, de Pernambuco, do Pará, de Alagoas, bem como as organisações sindicalistas dos demais Estados. Quer dizer, claramente: o proletariado consciente e activo do Brazil não vai a Washington.

O Sr. Sadhock, ou Sr. Muller dos Reis, ou outro qualquer irá representando quando muito uma minoria, e minoria passiva e inconsciente, do proletariado brazileiro.

Bom proveito—e recomendações nossas ao pulha do Sam Gompers!

Pelos caixeiros

A Aliança dos Empregados na Industria e no Comercio emprehendeu agora um movimento, merecedor de todo o apoio, em pról dos caixeiros de secos e molhados. A vida destas victimas da ganancia patronal já constitue uma tradição de miserio e desconforto. Presos ao balcão durante 12, 14, 16 horas, em pavimentos humidos e sujos, só saem do balcão para carregar pesados caixões de mantimentos aos freguezes e para dormir em quartos onde a inhigiene constitue a regra imoralissima.

Pela abolição desse cativeiro deshumano vai bater-se a Aliança cuja primeira grande assembléa para tratar do assunto está marcada para amanhã domingo, ás 2 horas da tarde, na praça da Republica 58.

A policia e os comicios

A União Fabril de S. Christovam, supondo ingenuamente ainda vigorar entre nós a Constituição da Republica, essa peça inteiriça forjada pelos fundadores desta bela engenhoca democratica, entendeu de convocar publicamente um comicio publico para a praça dos Lazzaros, em S. Christovam. Mas a Constituição de facto é o sabre—e o sabre policial brandido pelo Sr. Geminiano, supremo exegéta dos direitos do cidadão, cortou pela raiz o ingenuo desejo da União Fabril: não permitiu que o comicio se efectuasse. E deu, não sabemos para que, esta peregrina razão cerimoniosa: os comicios operarios só poderão realizar-se no largo de S. Domingos. Si isto não figura no texto da Constituição é porque naturalmente os constituintes se esqueceram de o fazer... Está regulando!

CURSO DE SOCIOLOGIA

Amanhã, ás 7 horas da noite, o camarada Alvaro Palmeira fará a sua ultima conferencia do curso de sociologia, falando sobre: *A sociedade actual e a sociedade futura*, na séde da U. dos O. em Fabricas de Tecidos.

Esta conferencia será uma sintese das outras que, por motivos imperiosos, não foram e não serão realizadas nas sédes do Sindicato F. dos M. de Tabacos, Centro dos O. Marmoristas e U. F. de S. Christovam.

Depois desta conferencia final o curso de sociologia se transformará em Comité de Combate á Ação Clerical.

Administração

Ainda neste numero não nos é possivel publicar, como desejavamos, o balancete referente ás despezas e receita de *Spártacus*, o qual já anda bem atrazado. Mas fal-o-emos no proximo numero, com toda a certeza. E já que estamos com a mão na massa, insistimos junto aos pacoteiros em atrazo para que liquidem os seus debitos, pois o homem da tipografia é inexoravel e só compõe o jornal á vista de dinheiro ali, batido e contado.

Numeros atrazados

Para facilitar a divulgação de Spártacus *e ao mesmo tempo contribuir para a propaganda, resolvemos estabelecer um preço baixo para pacotes de numeros atrazados, que nos restam dos encalhes da venda avulsa. Esses pacotes—que venderemos sobre a base de 100 folhas por 2$000 — servirão principalmente para distribuição em excursões, passeios, reuniões publicas, etc. Que venham pois os pedidos!*

Rifa

Sorteou-se no dia 1º do corrente, pela dezena da Loteria Federal, a rifa duma biblioteca de 25 volumes, organizada por um grupo de camaradas em favor de *Spártacus*.

A sorte coube ao numero 37.

Ha opiniões perseguidas que se podem comparar com as arvores decotadas que vegetam depois com mais vigor e profusão. — MARQUEZ DE MARICA'.

Lêde e divulgae "Spártacus"

Fructos da politicalha nacional

Não estão esquecidos os sangrentos sucessos de S. José do Duro, em Goiaz, no começo do ano. Mas eles adquirem agora precisão, no seu tragico horror, com a publicação das conclusões do relatorio elaborado pelo Major Alvaro Mariante, interventor federal enviado pelo governo para pacificar aquela região assolada pela politicalha. Transcrevemos na integra essas conclusões. E dispensamo-nos de comentarios. A palavra do Major Mariante é insuspeita, e os factos clamam, por si mesmos... E venham depois falar-nos nos horrores da Russia bolchevista!

«A' fuga do juiz Calmon sucedem-se dias de dolorosa espectativa, durante os quaes as duas facções se aprestam para a luta. Abilio Wolney convocava elementos na Bahia, em Goyaz e talvez mesmo em outros Estados vizinhos. Diz-se que conseguia munição, quarenta mil cartuchos e armamentos na cidade de Barreiras. Em seu auxilio vinha Abilio Araujo, já celebre pelas suas façanhas nos sertões do interior do Brasil. Consta que esse moço conseguiu arregimentar cerca de duzentos jagunços. O ponto de concentração escolhido foi a fazenda «Buracão», que, como já foi dito, dista apenas 7 kilometros de Duro. Por seu lado os inimigos de Abilio engrossaram as fileiras. A' policia goyana traziam novos elementos o colector Sebastião de Brito, o juiz municipal Manoel de Almeida, o delegado de policia Joaquim Martins de Rezende, o intendente Joaquim Amaro de Souza, Serafim de Brito, José Hermano e Leopoldo de Brito. Cada um desses politicos tinha comsigo um bom numero de jagunços. E assim foi concentrada dentro da vila força em numero igual á que Abilio Wolney conseguira reunir.

Procurando desviar o golpe que os ameaçava intimaram as familias de Abilio e de seus amigos a se recolherem á vila. E ahi conservaram-n'as sob rigorosa vigilancia. Ninguem podia retirar o pé do interior da povoação, que estava guardada por soldados. Os homens eram a principio conservados em liberdade durante o dia, sendo á noite recolhidos em prisões improvisadas. Esses prisioneiros e principalmente as familias serviam de refens. A' medida que se noticiava a aproximação do inimigo o rigor com os prisioneiros ia sendo aumentado.

Os de maior representação, parentes e amigos da familia Wolney eram presos ao tronco. Em certo dia enviaram a Abilio dois emissarios—seu genro dr. Abilio de Faria e o tenente-coronel Francelino. Tinham eles a incumbencia de intimal-os a se apresentar á prisão, sob pena de verem fusilados seus amigos e parentes, que estavam no cativeiro. Abilio Wolney não deu credito á ameaça; considerou seus inimigos menos bandidos que mais tarde demonstraram ser. E como tivesse em seu poder, prisioneiros tambem, José de Almeida Valente, Jorge de Almeida e Juvelino Americo de Azevedo, parentes do chefe politico adversario Manoel de Almeida, resolveu aproximar-se da vila e propôr permuta de prisioneiros. Os emissarios referidos haviam encontrado Abilio em Duas Pontes, oito leguas a oeste de Duro; dahi ele marchou para seu ponto de concentração —Buracão. A essa fazenda chegou a 15 de Janeiro. Dispunha-se a enviar a proposta de permuta de prisioneiros, quando veio a seu encontro, fugindo da vila, sua irmã Custodia, esposa do major João Leal (Janjão). Trazia ela as mais desoladoras noticias: seus parentes e amigos haviam sido presos ao tronco para serem fusilados e ela ouvira, ao fugir da vila, o detonar das armas dos facinoras. Abilio resolveu, então, levar o ataque á povoação, na esperança de encontrar ainda com vida os prisioneiros e levar socorros ás familias encarceradas tambem.

Pensava ainda propor negociações a seus adversarios, contando ser atendido depois de havel-os sitiado.

Não estava porém fechado o cerco e a luta estava já travada. Eram 10 horas do dia 16 de Janeiro. O combate estendeu-se pelos dias dezesete e dezoito. A dezesete os sitiantes conseguiram apoderar-se do predio que servia de carcere e de alguns outros. E lá foram encontrados nove cadaveres e moribundos.

Presos ao tronco em estado de decomposição achavam-se seis mortos: Wolney Filho, moço de 22 anos, irmão e socio de Abilio, major da Guarda da Nacionel; João Leal, comerciante, genro de Cavalcanti Wolney; João Rodrigues de Sant'Anna, fazendeiro; Salvador Rodrigues, filho deste, com vinte e dois anos, fazendeiro; finalmente Messias Camelio, fazendeiro e ourives; João Joca Povoa, comerciante, com dezoito anos, noivo de uma filha de Abilio.

Junto ao tronco, ao lado de seu pai João Rodrigues, jazia o cadaver de Nilo Rodrigues, menino de dezesete anos. Em um quarto do mesmo predio estava o cadaver do coronel Benedicto Pinto de Cerqueira Povoa, o mais forte comerciante do municipio, e a seu lado o de seu namarada Nazario de Bomfim, rapaz de 19 anos.

Em outro predio, onde se achava preso, foi encontrado, já moribundo, Oscar Leal, moço de 18 anos, filho do major João Leal. Este declarou a Abilio que fôra ferido pelo alferes Catulino e que ouvira desse mesmo oficial que as mulheres prisioneiras seriam tambem fuziladas.

Nesse mesmo dia conseguiram os sitiantes apoderar-se de um novo reducto dos sitiados—a casa de Cavalcanti Wolney, onde 72 pessoas, mulheres e crianças, tinham sido encerradas. Em um só quarto estavam 40 e tantas pessoas, ahi refugiadas contra a sanha dos soldados e de suas mulheres.

Uma desta já havia tentado contra a vida de D. Maria Jovita viuva da primeira victima, o coronel Cavalcanti Wolney. E si não houvesse trancado a porta desse aposento, provavelmente teriam sido massacradas pelo cabo Gerson, cujo banditismo ultrapassou o de seus companheiros. No momento preciso em que Gerson tentava derrubar a porta que protegia indefezas senhoras e crianças, os sitiantes atacavam a casa e impediam a perpetração de mais hediondos crimes. Logo ao começo da luta os sitiados começaram a fugir aos magotes. Conta se que Sebastião de Brito e os alferes Ulysses e Brito, acompanhados de noventa homens, foram os primeiros a bater em retirada. Sebastião antes da fuga, levou sua esposa e sua filha para o mesmo aposento em que se achavam encerradas as outras senhoras Depois da fuga destes a debandada foi se fazendo aos poucos, em pequenos grupos. E assim Abilio ás tres horas da madrugada do dia dezoito ao penetrar no ultimo predio que fora transformado em reducto dos sitiados, já não encontrou ninguem. Ser-lhe-ia facil, então, correr em perseguição dos seus inimigos em retirada. Entretanto fosse porque a desorganisação imperava tambem nas suas fileiras, fosse porque não o dominava o mesmo instincto perverso dos fugitivos ou ainda porque as scenas que presenciara aniquilavam-lhe a iniciativa, certo é que perseguição imediata não foi executada e seus inimigos conseguiram escapar ilesos. Consta que durante a luta houve baixa na tropa sitiante; parece que entre os sitiados não se contou uma so'. E' possivel que assim tenha sido, pois estes ocupavam os predios da vila e so' atiravam por seteiras praticadas nas paredes, ao passo que aquela ficava exposta á medida que apertava o cerco. Conta-se ainda que Abilio mandou matar tres individuos depois de ocupar a vila; parece tratar-se de pessoal seu, fugido do «Buracão» para as fileiras adversarias. E' certo, porém,—e isto deve ser salientado porque realça o constraste entre os sentimentos magnanimos de Abilio e os hediondos instinctos de seus inimigos—que os tres prisioneiros por ele conduzidos não foram fuzilados como os indefezos prisioneiros massacrados pela policia goyana.

Um dos prisioneiros de Abilio, o juiz districtal de São José do Duro, sobrinho e pupilo do chefe Manoel de Almeida exactamente aquele que se recusara fazer o casamento de sua filha, não só foi por ele poupado, como obteve em plena liberdade, o mais valioso atestado dos sentimentos elevados que exornam o caracter do sertanejo goyano alvejado pelos odios politicos de ferozes adversarios (numeros setenta, setenta e um e setenta e dous, paginas duzentas e trinta e cinco a duzentos e quarenta e um). Depois de tomada a vila ocupou-se Abilio em dar sepultura aos cadaveres. Só mais tarde, já com muita demora, sahiu a percorrer a região. Foi até á vila de Conceição acampando em suas imediações. Sabendo em seu acampamento que seu primo Zézinho praticava depredações em casas pertencentes a inimigos seus, veio até á vila e profligou tal procedimento. Diz-se que a tropa de Abilio Wolney, reunida para o assalto á vila de São José do Duro, especialmente o pessoal de Abilio Araujo entregou-se ao furto e ao saque de fazendas abandonadas por seus proprietarios, sendo escolhidas para taes praticas as propriedades de seus adversarios. E' exacto que isso aconteceu. E não é de admirar, pois é esse o preço com que se paga no sertão a jagunçada convocada para taes emprezas. Entretanto militam em favor de Abilio provas fornecidas até por seus adversarios, de que ele se opoz a taes praticas, chegando mesmo a retomar tropas de bois que iam sendo conduzidas, mandando restitui-las a seus legitimos proprietarios.

Eis terminada a longa narrativa dos acontecimentos que enlutaram as ferteis e magnificas terras do sertão goyano (numero sessenta e um, pagina cincoenta e tres, e numero setenta e sete e oitenta e um pagina duzentos e sessenta e um a duzentos setenta e sete). Si nesta exposição, em que procuramos pôr em exercicio a maxima imparcialidade, são encontrados periodos que possam merecer o qualificativo de apaixados, foram eles dictados pelo mais apurado sentimento de justiça, revoltado passo a passo ante a brutal e hedionda tragedia, ornamentada pela mais torpe cobardia e pelo mais repugnante cinismo, cuja reconstituição foi-nos dado fazer em nossa peregrinação por aquelas regiões quasi desconhecidas do nosso imenso paiz.

A vila de S. José do Duro é hoje o reducto em que Abilio, cercado dos poucos parentes e amigos que lograram escapar á sanha carniceira, volta, acabrunhado pelos mais fundos pezares, a seu trabalho pacifico e honesto. Procurámos sondar-lhes as intenções e a sua feição franca e sincera prontamente desvendou seus designios. O laborioso sertanejo e os amigos que o cercam não confiam no actual governo de seu Estado.

A ação da autoridade e força estaduaes é uma constante ameaça áquela gente, por eles tão fundo apunhalada. E disse Abilio Wolney com sobranceira lealdade: «A's autoridades de Goyaz não me entrego: fujo ou brigo. Prefiro abandonar tudo quanto possúo, ou morrer lutando, a entregar-me á policia do meu Estado e morrer com o pé no tronco.» E demos-lhe razão. Justiça e garantias pede ele, e garantias e justiça não lhe podem dar os autores do grande crime e os que por ele são responsaveis; sò o Governo Federal inspira-lhe confiança. E esta afirmativa tivemol-a não apenas directamente do proprio Abilio Wolney, como em farta messe de documentos anteriores á nossa peregrinação pelos sertões. Cartas em que ele declara a seus amigos aguardar confiante a chegada da força federal que seria enviada áquelas paragens (numero oitenta e dous e oitenta e tres, pags. 280 a 285) documentam so'idamente suas disposições. E, ainda mais, a Barreiras enviou ele uma tropa de quatrocentos bois que seriam uteis ao abastecimento do batalhão que lá está, pois sabia ele que nessa localidade poderia vir a faltar carne. Para auxiliar o transporte do batalhão ao Duro fez seguir para a referida cidade bahiana uma tropa de quarenta animaes de carga; comprometeu-se a fornecer recursos, em alojamento e viveres, á pequena tropa do exercito que porventura seja enviada a S. José do Duro. Quem viu de perto as dificuldades que naquela zona cercam as mais rudimentares operações militares, sabe da importancia de que se revestem taes providencias. A vinte e dous de março deixavamos a vila de S. José do Duro. A farta colheita de informações e documentos que haviamos realizado, diziam-nos terminados os nossos trabalhos de sindicancia no territorio goyano. A vinte e cinco chegavamos á cidade de Barreiras, nosso ponto de partida, depois de havermos percorrido cenco e cincoenta leguas em terras dos sertões da Bahia e de Goyaz. Recapitulando agora, depois de compulsar os documentos colhidos, longe do teatro dos funebres acontecimentos que nos foi dado estudar, e pondo em exercicio a maxima imparcialidade e o mais acrisolado sentimento de verdade e de justiça, podemos concluir em sintese: A — Os lamentaveis acontecimentos de S. José do Duro derivam da ação politica e administrativa dos actuaes dirigentes do Estado de Goyaz: B — Ha indicios de que ao governo do Estado cabe grande responsabilidade no funebre desfecho do conflicto; C — A autoria da policia goyana nos assassinatos de Buracão e de São José do Duro é irrefutavel: D — A ação das autoridades estaduaes orientadas pela facção politica dominante no Estado é perigosa e póde ser contraproducente; E—A ação da autoridade federal extranha ao conflicto ou a simples presença da tropa do exercito naquela região póde, bem orientada, fazel-a voltar ao trabalho pacifico e productivo».

SOBRE UM DISCURSO

Lendo o discurso pronunciado por Anatole France no Congresso dos Sindicatos de Professores, reunido recentemente em Tours, nele encontrei alguns periodos que merecem a mais ampla divulgação, pois que encerram todo um programa de combate á actual organisação social; falando aos professores diz o velho escritor:

«Ao formar a creança, vós determieareis os tempos futuros. Que tarefa, na hora presente, no grande esboroamento das coisas, quando as velhas sociedades rúem ao peso das suas culpas.»

Creio bem que o que acima transcrevi daquele discurso equivale a esta verdade:—A sociedade vigente é uma organisação carunchosa que se esborôa no vendaval libertario; preparemos pois os homens do futuro, educando-os num ambiente de solidariedade universal, banindo para sempre os falsos preconceitos das patrias e das fronteiras.

«Sim, de certo, — diz ainda Anatole France — torna-se necessario não deixar subsistir, por um instante siquer, a educação que tornou possivel, que favoreceu (sendo quasi a mesma entre todos os povos que se apregoavam civilisados) a espantosa catastrofe sob a qual ainda nos achamos por assim dizer soterrados. E, antes de tudo, é preciso banir da escola tudo aquilo que possa alimentar nas creanças o gosto pela guerra e pelos seus crimes!»

Condena assim Anatole France, como nós anarquistas condenamos, as guerras, esses assassinatos ordenados pelo Estado, porque os reconhece como o maior dos crimes praticados pelas instituições actuaes contra os povos de todo o mundo; o professor deverá fazer amar á creança a paz e os trabalhos da paz; ensinar-lhe a detestar a guerra. Deverá banir do ensino tudo o que excita ao odio contra o estrangeiro.

Terminando a sua magistral peça diz Anatole: — «Nasceu uma nova ordem de coisas. As potencias do mal morrem envenenadas pelo seu crime. Os ambiciosos e os crueis, os devoradores de povo estouram de uma indigestão de sangue. Entretanto, bem que duramente atingidos pela culpa dos tiranos cegos ou energumenos, os mutilados, os dizimados, os proletarios permanecem de pé; e irão unir-se para formarem um unico proletariado universal, e veremos então cumprir-se a grande profecia: — «A união dos trabalhadores fará a paz do mundo!»

Com estas palavras terminou o seu discurso o velho Anatole France; elas, certamente, ecoarão aos quatro cantos da torra e farão brotar os mais unisonos aplausos de todos os que teem ainda a sangrar o coração alanceado pela perda de um ente querido, victima da grande hecatombe movida pelos capitalistas de todo o mundo; elas irão acordar no intimo de cada um o grito de revolta contra esta sociedade assassina que, para se manter em equilibrio, carece recorrer ao crime das guerras, á violencia das leis e á ignominia do Estado!

J. Cruz.

A' Senhora Rezende Martins

Permita, minha nobre Senhora, que um homem bem intencionado venha importunal-a por alguns momentos.

Li, na *A Razão* de hoje, nas "notas" do impagavel comendador Mattos, um trecho de seu trabalho intitulado "Complemento ás reflexões sobre o momento social".

Minha Senhora.

Não é uma resposta que eu quero dar ao trecho inserido na *A Razão*. Longe de mim semelhante pretenção.

Eu desejo apenas tomar V. Exa. como padroeira perante os poderes constituidos para obter o que eu e os meus camaradas queremos para os nossos semelhantes.

V. Exa. diz: "Venham a nós os de bôa fé, externando sem paixão os seus ideaes. Da discussão nasce a luz, nas refregas apuram-se as idéas, mas procedam todos como homens de bem, como filhos da mesma mãe comum, desta mesma Patria que reclama o amor de todos os seus filhos. Toda a idéa nobre e generosa, leal e conciliadora, deve ser tomada em consideração".

Pois bem.

Eu vivo triste. Não posso ter alegria, embora ganhe com meu trabalho o suficiente para passar bem, porque sei que os meus irmãos lutam, trabalham, sofrem injustiças e morrem de fome.

Creia, minha Senhora, que toda vez que me sento á mesa, no meu lar, rodeado de minha esposa e filhinhas, para tomar as minhas refeições, sinto uma tristeza amarga porque me lembro que, na mesma hora, milhares de irmãos nossos não têm com que matar a fome.

Por isso, cheio de bôa vontade, venho expor a V. Exa. as idéas que tenho para salvar-nos de todos os males e pedir os seus bons oficios junto ao governo para que ele decrete que o nosso paiz passará de agora em diante a sêr a "Republica Comunista dos Trabalhadores do Brazil"; que as fabricas de todas as industrias e as terras ficarão desapropriadas, aquelas entregues aos operarios e estas aos camponezes; que os predios, fiquem pertencendo á comuna para serem distribuidos a quantos necessitarem; que as mercadorias existentes nos armazens e nos depositos sejam entregues á comuna para regular a sua distribuição; que as Estradas de Ferro, Correios, Telegrafos, Vehiculos, etc., passem a ser administrados por sindicatos especiaes organizados para esse fim; que o exercito, a marinha de guerra, a policia civil e militar, os tribunaes, o congresso, e toda engrenagem burocratica fiquem dissolvidos por não serem mais necessarios, e que todos os individuos válidos ocupados nestes misteres sejam empregados em serviço de utilidade, como sejam: Construção de casas higienicas, de estradas de ferro, canalisação de aguas, esgotos, luz electrica, dragagem dos lugares insalubres e seu saneamento, difusão da instrução, etc., para todo o vasto territorio do nosso paiz; que as fortunas particulares em moeda, visto os seus proprietarios fazerem tanta questão do dinheiro ganho tão *honestamente*, fiquem com os seus donos para que façam com elas uma suculenta omelete afim de se alimentarem, si não quizerem trabalhar, porque na Republica Comunista dos Trabalhadores do Brazil — QUEM NÃO TRABALHAR NÃO COMERA' — E finalmente que ele Epitacio Pessôa, presidente eleito pela *soberania popular* do regimen burguez, achando-se incompatibilizado para continuar a governar, entregue o governo ao *soviet* composto de trabalhadores, os quaes se encarregarão de normalizar todos os ramos da actividade do Paiz.

Consiga V. Exa. isto que lhe proponho e veremos si os anarquistas podem ou não cumprir com o que prometem.

Vamos. Dê V. Exa. esse passo, que nos evitará grande maçada, por que nós havemos de obter tudo que acabo de dizer, de qualquer forma. Si não for hoje será amanhã.

Para a realização do nosso ideal não recuaremos um passo.

Conhecemos o remedio que cura os males que afligem a humanidade e queremos aplical-o.

Sómente assim teremos paz. Haverá a decantada solidariedade humana e viveremos como uma só familia.

Terminarão as guerras engendradas pelo capitalismo ganancioso em conluio com a diplomacia secreta do regimen actual.

Bem sabemos, minha Senhora, que o governo, os capitalistas e as religiões, não podem resolver o problema social ainda que o queiram porque o governo é tirado das camadas burguezas e sustentado por estas e as religiões vivem da ignorancia dos trabalhadores, por isso não suportam que eles se libertem e se instruam.

Só a grande revolução conseguirá arrancar das garras dos detentores do mundo a Liberdade, a Igualdade e a Fraternidade.

Ela é inevitavel como são os fenomenos da natureza.

As leis naturaes impelem a humanidade sofredora a reivindicar os seus direitos á vida ha 19 seculos conspurcados pela tirania dos potentados.

Rio, 26—9—19.

Mauricio Livrefesta.

EXPEDIENTE

Spártacus *publica-se sob a responsabilidade de um Grupo Editor, estando a sua redação e administração a cargo de Astrojildo Pereira.*

* * *

A redação e administração de Spártacus *acham-se provisoriamente instaladas no largo de S. Francisco, 36, 1º, sala 10. Toda a correspondencia, porém, deve ser enviada exclusivamente para a* Caixa Postal 1936, Rio de Janeiro.

* * *

As assinaturas de Spártacus *podem ser tomadas sobre a base de 1$000 por serie de 12 numeros.*

* * *

Preço para os pacoteiros: 1$000 por pacote de 12 exemplares.

* * *

Spártacus *aparecerá aos sabados, emquanto não puder publicar-se diariamente, sendo de 100 réis o preço do numero avulso para todo o Brazil.*